Cinqüentenário da Repartição de Águas e Esgôtos de São Paulo

Ocorre hoje o cinqüentenário da Repartição de Águas e Esgôtos de São Paulo. Recordar suas atividades é reviver o admiravel progresso realizado pela capital de nosso Estado que, de cidade provinciana em 1890, com 64.034 almas, ostenta hoje 1.400.000 habitantes, reunidos em uma grande metrópole.

Desde os primórdios da República compreendeu o Governo Estadual a necessidade de incentivar os serviços de águas e saneamento da sua capital, que então já entrava em progresso crescente.

Tais serviços, explorados pela Companhia Cantareira, que para isso mantinha contrato com os poderes públicos, apresentavam-se em 1892 bastante insuficientes, à vista da impossibilidade em que se achava a contratante de realizar as necessárias obras de desenvolvimento das instalações.

Resolveu então o Governo do Estado chamar a si o encargo determinando fosse criada uma repartição especial para cuidar do serviço. Dando cumprimento ao dispositivo legal, foi expedido em 31 de janeiro de 1893 o decreto n.º 152-A, com o qual o Governo, representado pelo seu presidente, dr. Bernardino de Campos, e pelos drs. Jorge Tibiriçá e João Alves Rubião Junior, secretários da Agricultura e Fazenda, respectivamente, criava a Repartição de Águas e Esgôtos de São Paulo em sucessão à Companhia Cantareira, que foi encampada.

O SERVIÇO DE ÁGUAS E ESGÔTOS EM 1893

Por essa época, o serviço de abastecimento de água contava com uma única adutôra — Cantareira — veiculando 3.000 m³/dia para o antigo reservatório da Consolação, donde se distribuia pela área edificada. As instalações possuiam 73.368 metros de canalizações de diversos diâmetros, incluindo linhas adutôras e rêdes distribuidoras, estando abastecidos 8.642 prédios.

A rêde de esgôtos sanitários, com 90.000 metros de coletores de diversos diâmetros, inclusive emissários, esgotava 6.217 prédios. A renda anual dos serviços era de Cr$ 280.000,00 para água e Cr$ 210.000,00 para esgôtos.

N. da R. — Notícia histórica publicada no «O Estado de São Paulo» no dia 31 de Janeiro de 1943 ilustrada com vistas de algumas obras novas destinadas ao reforço do abastecimento da Capital.

A Repartição de Águas e Esgôtos, no seu período inicial, foi subordinada â Superintendência de Obras Públicas da Secretaria da Agricultura, à vista do disposto no artigo 1.º do decreto que a criou, até o ano de 1898, quando foi dela destacada.

Criada a Repartição de Águas e Esgôtos, foram desde logo grandemente ampliadas as instalações existentes, para atender às necessidades da população da época, não cessando desde então e até hoje de crescer os serviços à medida que a cidade prosseguia num rítimo acelerado de progresso, só comparavel ao das cidades norte-americanas: 130.000 habitantes em 1893, 239.820 em 1900, 579.086 em 1920, 1.060.120 em 1934, alcançando hoje 1.400.000.

A este crescimento teve de corresponder um esforço intenso do Governo, da Repartição de Águas e Esgôtos e das três comissões criadas em diversas épocas, para incentivarem, em concatenação com a Repartição de Águas e Esgôtos, rápida realização de obras novas, quando estas se faziam urgentes.

Vultosas somas foram empatadas anualmente nos serviços.

Ainda em 1893 construiu-se a adutôra do Guaraú, com a captação de mananciais da ala direita da Cantareira, elevando de mais 12.000 m³/dia o volume de água trazido ao reservatório da Consolação e procedeu-se à adução das águas do Ipiranga (Água Funda) para o Brás, com 3.000 m³/dia.

Em 1894 foram canalizados sucessivamente na Serra da Cantareira os mananciais do Cassununga, Campo Redondo e Engordador e trazidos ao reservatório da Avenida (Largo 13 de Maio), então construido para servir a zona da cidade que se desenvolvia na encosta do espigão, a montante do reservatório da Consolação. No fim desse ano o abastecimento de água já contava 27.000 m³/dia, dando uma média "per capita" de 200 litros/habitante.

Entre 1895 e 1899 aduziram-se os recursos restantes da Serra da Cantareira (alas direita e esquerda), inclusive as sobras do Engordador

Procedeu-se tambem a uma captação de águas do rio Tietê, na altura do Belemzinho, para abastecimento das rêdes deste arrabalde e do Brás, Moóca, para onde a cidade se extendia. As águas eram distribuidas depois de passadas em galerias filtrantes.

Esta última instalação foi ampliada em 1903, chegando a fornecer 6.000 m³/dia.

Em 1905-1907 foi aduzida a primeira etapa do Cabuçú (35.000 m³/dia), quando diretores da Repartição de Águas os drs. Augusto Figueiredo e Arthur Motta e chefe da Comissão de Obras Novas o dr. Luiz Betim Pais Leme.

Estas águas, captadas em altitude de 762,00, foram destinadas ao abastecimento das zonas baixas da cidade — Santana, Luz, Bom Retiro e Brás — circunscritas pela cota 735,00. A linha adutôra foi construida para veicular 43.300 m³/dia com 16.632 m de extensão.

Em 1911 a Repartição de Águas e Esgôtos executou a segunda etapa, canalizando para esta adutôra os recursos do vale do Barrocada — 8.000 m³/dia.

A adução do Cotia, cujo primeiro ante-projeto foi organizado pelo dr. Teodoro Sampaio em 1898, foi decidida e iniciada em 1914.

Construiu-se a linha adutôra, constante de uma canalização mista de sifões e aquedutos com o desenvolvimento total de 22.800 metros entre o ponto de captação e a caixa do Jaguaré, tendo capacidade para veicular 103.000 m³/dia.

Aquedutos e sifões com flexa até 20 metros foram construidos em concreto armado, sendo os últimos revestidos internamente por uma camisa metálica. Os sifões com flexa superior a 30 metros foram construidos de chapas de aço rebitadas, providas de juntas de dilatação.

A primeira etapa desta adutôra consistiu em trazer do Jaguaré para o reservatório do Araçá uma canalização de 0m,70 de diâmetro com 14.415 metros de extensão e capaz de veicular 39.000 m³/dia. Foi construida junto da barragem de tomada uma estação de tratamento químico das águas, com decantação de 10 horas e filtros lentos.

Em 1923 foi concluida a 2.ª etapa dessa adutôra, construindo-se a linha Jaguaré-Agua Branca-Consolação.

Entre 1929-1933 foi construida a barragem do Pedro Beicht, que formou o lago regulador destinado a fixar a vazão de 90.000 m³/, mesmo em estiagem. Finalmente, em 1937, foi concluida a nova instalação de filtros rápidos, em substituição à antiga, já obsoleta.

A adutôra de "Santo Amaro" foi executada em 1928-1929 pela Comissão de Saneamento da Capital, criada em 1928 e extinta em 1930, cujo chefe era o grande engenheiro Teodoro Ramos, prematuramente falecido.

Veicula 86.400 m³/dia, trazendo águas da repreza do Guarapiranga, com extensão de 12.326 metros até a estação elevatória de França Pinto, donde é recalcada para o reservatório de Vila Mariana, dali entrando na distribuição.

O tunel de tomada foi feito para a vazão total de 4 m³/seg. que pode ser fornecida por aquela represa ao abastecimento da capital, havendo trechos da adutôra construidos com capacidade para veicular vazão de 2 m³/seg., com o fim de facilitar sua duplicação. As águas são tratadas químicamente e filtradas na estação da Bôa Vista, construida juntamente com a adutôra.

ADUTÔRA DO RIO CLARO

A Adutôra do Rio Claro foi iniciada em 1926-1927, em vista da estiagem de rigôr excepcional ocorrida em 1925, que fez diminuir o volume então distribuido à cidade, de 156.000 para 70.000 m³/diários.

Desejando na época dar solução radical ao problema do abastecimento de água, resolvendo-o por muitos anos, deliberou atacar as obras de adução do Rio Claro, confiando a tarefa a uma "Comissão de Obras

Novas" criada em 1926 cuja chefia coube ao engenheiro Henrique de Novais.

Foram projetadas as obras, partindo de estudos já realizados pela Repartição de Águas e Esgôtos e prevendo uma população de 2.300.000 habitantes, iniciando-se desde logo a construção da extensa linha adutôra com capacidade para uma vazão de 5,5 m³/dia, e cuja extensão total é de 77 km. no trecho de jusante e de 9 km. no de montante.

Prosseguiram as obras intensamente até outubro de 1927, quando foi extinta a Comissão de Obras Novas, passando aquelas para a Comissão de Saneamento da Capital, então criada. Nessa época, estando por demais agravado o problema da falta de água em São Paulo, foi decidida, por antecipação, a adução das águas de Santo Amaro.

Em outubro de 1930, extinta a Comissão de Saneamento, passaram as obras da Adutôra do Rio Claro a serem geridas diretamente pela Repartição de Águas e Esgôtos, que fez paralizar a construção a montante do Km. 37. Em meados de 1932 as obras foram reiniciadas com intensidade entre os Kms. 0 (cidade) e 56. Em setembro de 1934 resolveu-se o prolongamento além do Km. 50, concluindo-se em 1937 a construção até o Km. 77 (Casa Grande). Em 1937-1939 foi construida a 1.ª etapa da Estação de Tratamento das águas em Casa Grande, com capacidade para 1 m³/seg., construindo-se tambem uma estação elevatória no Km. 78 com esta capacidade, afim de se aduzir desde logo para a cidade o primeiro contingente de água do Rio Claro.

Iniciou-se também em 1937 a construção dos 9 quilômetros da adutôra superior, entre Casa Grande e Poço Preto, com capacidade para veicular 3,5 m³/seg.

As obras destinadas a completarem as instalações da adutôra do Rio Claro prosseguem de acôrdo com as etapas estabelecidas.

OS DIRETORES DA R. A. E.

Durante os cinqüenta anos decorridos desde a sua criação teve a Repartição de Águas e Esgôtos de São Paulo como diretores efetivos os engenheiros José Pereira Rebouças, (1893-1898); Teodoro Sampaio (1898-1905); Augusto Figueiredo (1905-1906); Arthur Motta (1906-1936). Durante o comissionamento do Dr. Arthur Motta em outros serviços, no período de 1926-1930, exerceram em carater interino esse cargo os engenheiros Zozimo Bittencourt de Abreu e Egidio Martins. Em 1936 a 1937 ocupou o cargo, interinamente, o engenheiro Hippolyto da Silva e de 1937 a 1938, em comissão, o engenheiro Rodolpho Valladão. De novembro de 1938 a 2 de Julho de 1942 foi diretor efetivo o engenheiro Hippolyto da Silva. Ocuparam, interinamente, esse cargo, os seguintes engenheiros: João Duarte Tapajóz, Rosa Martins, José Ricardo Monteiro de Barros, Hercules Campagnoli, José Luiz G. de Oliveira, Alfredo Braga, Francisco Alvarenga, Lino Sá Pereira, José Maria de Toledo Malta e outros.

Desde 3-7-1942 é diretor efetivo o engenheiro Plinio Penteado Whitaker, removido da Repartição de Saneamento de Santos.

O PATRIMÔNIO DA R. A. E.

A Repartição de Águas e Esgôtos possúe hoje um patrimônio que orça pelos 600.000.000 de cruzeiros; tem capacidade de linhas para distribuir 331.000.000 de litros diários à população, por meio de 16 reservatórios com capacidade total de 139.00 metros cúbicos e 7 torres elevadas, a 149.000 prédios, através de uma rêde cuja extensão é de 1.428.000 metros.

A rêde sanitária, com extensão de 791.600 metros, esgota 115.200 prédios.

A arrecadação englobada dos serviços de águas e esgôtos atinge a cerca de 70.000.000 de cruzeiros anualmente.

N. da R.: — A presente notícia, publicada a 31 de janeiro de 1943, tratava ainda do PLANO GERAL DE ABASTECIMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA, do ESTADO ATUAL DOS SERVIÇOS, das OBRAS EM ANDAMENTO e do DESENVOLVIMENTO DA RÊDE DE ESGÔTOS.

Essas quatro partes encontram-se mais desenvolvidas, com ilustrações, no RELATÓRIO DE 1942 publicado à pg. 21 e seguintes.